

A denúncia dos aparelhos ideológicos coloniais através dos enunciados afrofuturistas em *O último ancestral*, de Ale Santos / *The Denunciation of Colonial Ideological Apparatus through Afrofuturistic Statements in O último ancestral [The Last Ancestral]*, by Ale Santos

Ricardo Celestino*

RESUMO

Este artigo estuda como os enunciados afrofuturistas presentes na obra *O último ancestral*, de Ale Santos, denunciam os aparelhos ideológicos coloniais presentes em nossa contemporaneidade. O afrofuturismo é visto como um espaço de resistência, especulação e reinvenção, permitindo a sujeitos afrodiaspóricos reivindicar sua humanidade e projetar futuros alternativos inclusivos. Seleccionamos como arcabouço teórico-metodológico a Análise do Discurso, de tendência francesa, para examinar a memória discursiva e os aparelhos ideológicos coloniais. Ainda, a psicanálise lacaniana, que nos ajuda a entender a resignificação do Real, a partir de alternativas do Simbólico e do Imaginário direcionadas pelos enunciados afrofuturistas. Por fim, os estudos de Deleuze e Guattari que contribuem para a análise do papel do coenunciador na negociação dos efeitos de sentidos, enfatizando a importância dos agenciamentos enunciativos e das linhas de fuga. Este estudo evidencia a capacidade do afrofuturismo de questionar narrativas dominantes e fomentar identidades e existências que transcendem o colonialismo.

PALAVRAS-CHAVE: Afrofuturismo; Aparelhos ideológicos; Análise do discurso; Psicanálise lacaniana; Arte afrodiaspórica

ABSTRACT

*This article studies how Afrofuturist statements in Ale Santos's book *O último ancestral [The Last Ancestral]* denounce the colonial ideological apparatuses present in our contemporary world. Afrofuturism is seen as a space for resistance, speculation, and reinvention, allowing Afro-diasporic subjects to reclaim their humanity and project alternative, inclusive futures. We selected French Discourse Analysis as our theoretical and methodological framework to examine discursive memory and colonial ideological apparatuses. We also use Lacanian psychoanalysis, which helps us to understand the resignification of the Real, based on alternatives to the Symbolic and the Imaginary directed by Afrofuturist statements. Finally, we examine the studies of Deleuze and Guattari, which contribute to the analysis of the role of the co-enunciator in the*

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária, Faculdade de Filosofia, Comunicação e Artes – FAFICLA, São Paulo, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-2559-9510>; ricardo.celestino2003@gmail.com

negotiation of the effects of meaning, emphasizing the importance of enunciative arrangements and lines of flight. This study highlights Afrofuturism's ability to question dominant narratives and foster identities and existences that transcend colonialism.

KEYWORDS: *Afrofuturism; Ideological Apparatuses; Discourse Analysis; Lacanian Psychoanalysis; Afro Diasporic Art*

Introdução

Neste artigo, estudamos a obra *O último ancestral* (2021), de Ale Santos, como uma amostra da produtividade da literatura afrofuturista, corrente que se destaca pela sua expressividade especulativa cultural e tecnológica em um futuro hipotético, que tem como ponto de partida a articulação do protagonismo da diáspora africana. O afrofuturismo, valendo-se da literatura e de outras formas artísticas com potencial especulativo, propõe narrativas alternativas que subvertem as construções raciais enraizadas na formação da modernidade. Nosso foco recai sobre os enunciados literários afrodiaspóricos presentes na obra, buscando compreender como eles dialogam com e desconstróem os aparelhos ideológicos coloniais. Além disso, analisamos a atuação do coenunciador, na perspectiva enunciativo-discursiva, instância a quem o enunciador dirige seu discurso e que exerce papel ativo na prática enunciativa, ao construir significados, opera em linhas de fuga e agenciamentos enunciativos, desafiando e reconfigurando as estruturas de poder e representação.

Escolhemos, como amostra de pesquisa, o romance *O último ancestral* (2021), de Ale Santos. Os enunciados literários afrofuturistas nos transportam para uma fantasia urbana, ambientada em Obambo, uma favela futurista no Distrito de Nagast. A narrativa retrata uma comunidade negra exilada após a ascensão dos Cygens — híbridos de humanos e máquinas — que instauram uma rigorosa segregação racial e suprimem práticas culturais e religiosas. O enunciador destaca, ao longo do enredo, elementos da fé, cultura e história africana no Brasil, oferecendo uma narrativa rica em características afrodiaspóricas. Especificamente, focamos no capítulo *O despertar da IA Mandinga*, selecionado por sua concentração de práticas enunciativas que especulam sobre realidades alternativas influenciadas pela cultura africana, proporcionando uma visão que desafia nossa percepção da realidade.

Eshun (2015), Freitas & Messias (2018), Imarisha (2020) e Lima (2023) compreendem que o afrofuturismo se apresenta como um território de resistência e reinvenção, destacando-se pela sua habilidade em desafiar as narrativas hegemônicas e em introduzir novas maneiras de existir e se identificar que vão além das limitações históricas do colonialismo. Neste campo de redefinição e fortalecimento, indivíduos afrodiáspóricos utilizam suas expressões culturais e literárias para reivindicar plenamente sua humanidade e engajar-se ativamente na especulação criativa de futuros alternativos que sejam acolhedores e inclusivos. O afrofuturismo, nesse sentido, surge como um movimento transformador, capaz de não somente reinterpretar, mas também de reescrever as narrativas de experiências que foram marginalizadas ou omitidas pelo discurso moderno, em um futuro hipotético.

Em nossa pesquisa, adotamos um quadro teórico-metodológico para investigar a complexidade das práticas enunciativas de nossa amostra. Dentro deste quadro, a memória discursiva mediante os aparelhos ideológicos coloniais (Pêcheux, 1995, 1997) emerge como um pilar fundamental, facilitando a compreensão de como as narrativas afrofuturistas entrelaçam passado e presente, possibilitando a recriação de identidades e histórias frequentemente relegadas à margem. A análise da enunciação se concentra no modo como o texto literário se estabelece como um veículo para a expressão de diversas vozes, perspectivas e identidades, ponderando a relação entre o ato de narrar e a formação da identidade do sujeito, bem como sua relação com o mundo. A coenunciação, por outro lado, é percebida como o intercâmbio entre o texto e seu leitor, um processo interativo que enriquece o significado da obra e sublinha o papel da literatura como uma prática social que tem o poder tanto de influenciar quanto de ser influenciada pelo seu contexto de surgimento. Portanto, ao entrelaçar aparelhos ideológicos, enunciação e coenunciação, propomos uma metodologia que enxerga a literatura afrofuturista não somente como um artefato estético, mas como uma prática dinâmica e engajada na (re)formação de identidades, na reavaliação de memórias e na imaginação de futuros viáveis.

1 O pós-colonialismo, a arte afrodiaspórica e o afrofuturismo

A análise das intersecções entre o pós-colonialismo e a arte afrodiaspórica revela-se uma abordagem teórico-metodológica essencial para a elaboração de uma perspectiva crítica acerca das obras literárias especulativas que identificamos por afrofuturismo. O afrofuturismo emerge, nesse panorama, como um movimento estético e político profundamente enraizado na diáspora africana, o qual se dedica à reconfiguração das narrativas coloniais que moldaram as nossas concepções de modernidade. Este movimento distingue-se pela sua ênfase na resistência e na transformação das experiências históricas e culturais através das expressões artísticas. Nesse sentido, torna-se imperativo uma reavaliação aprofundada dos conceitos de pós-colonialismo e arte afrodiaspórica, a fim de que possamos apreender adequadamente o afrofuturismo não apenas como uma manifestação artística, mas como uma estética intrinsecamente ligada a essas dinâmicas discursivas. Tal abordagem permite não só uma compreensão mais rica do movimento afrofuturista em si, mas também uma valorização de sua capacidade de questionar, subverter e reimaginar as narrativas estabelecidas, contribuindo assim para a construção de futuros alternativos e emancipatórios.

A crítica às teorias da modernidade, que tradicionalmente posicionam o território europeu como o epicentro do desenvolvimento cultural e histórico, revela uma profunda desumanização de sujeitos e populações marginalizadas. Essa centralidade europeia, ao ignorar outras geografias e seus povos, contribui para a invisibilização e desvalorização de diversas formas de existência e resistência. Nesse contexto, os sujeitos afrodiaspóricos emergem como figuras de particular interesse, dada a sua capacidade de tecer redes de resistências culturais que reivindicam e valorizam representações, linguagens e práticas de origem africana, espalhadas por uma diáspora global. Esta valorização não apenas contesta a marginalização imposta pela modernidade, mas também celebra a riqueza e a diversidade das contribuições afrodiaspóricas ao tecido cultural global.

O afrofuturismo, neste cenário, manifesta-se como uma das tantas expressões estéticas afrodiaspóricas. Através da literatura, assim como em outras formas de arte, o afrofuturismo oferece narrativas que especulam futuros alternativos que desafiam os paradigmas raciais historicamente sedimentados na formação da identidade moderna. Ao

fazer isso, Lima (2023) destaca que o afrofuturismo não apenas recupera identidades e histórias que foram sistematicamente apagadas ou distorcidas pelo processo de racialização, mas também propõe futuros emancipatórios onde a identidade afrodiaspórica é reimaginada livre das amarras do passado colonial.

Os estudos de Flor, Kawakami e Silvério (2020) sobre o processo de tornar-se sujeito afrodiaspórico iluminam a importância de reconhecer a agência desses sujeitos na construção de espaços de fala e representação próprios. Esses autores argumentam que a literatura afrofuturista, ao reconfigurar as narrativas de tempo, espaço e identidade em um futuro hipotético, funciona como um campo fértil para a emergência de novas subjetividades afrodiaspóricas. Essas subjetividades, por sua vez, não estão confinadas às limitações impostas pela lógica da modernidade colonial, mas se expandem em direção a um horizonte de possibilidades infinitas, onde a diáspora africana pode redefinir-se em termos de poder, criatividade e liberdade. Dessa maneira, ao considerarmos a literatura afrofuturista como mais um espaço de resistência e reimaginação afrodiaspóricos, reconhecemos sua capacidade de subverter as narrativas dominantes e de propor novas formas de ser e pertencer que transcendem as fronteiras impostas pela história colonial. É nesse processo de redefinição e empoderamento que os sujeitos afrodiaspóricos, através de suas práticas culturais e literárias, afirmam sua humanidade plena e sua participação ativa na construção de futuros alternativos e inclusivos.

O afrofuturismo emerge como uma força revolucionária que não apenas reelabora, mas também reescreve as experiências historicamente excluídas do projeto moderno. Imarisha (2020) compreende que esta reescrita é realizada através de uma poderosa conjunção das artes afrodiaspóricas com a memória discursiva, em que o artista desterritorializa os aparelhos ideológicos coloniais, e reterritorializa em um futuro hipotético que lhe garante novas formas de existência e resistência. Através desta lente, o afrofuturismo se alinha com as reflexões propostas por Fanon (2008), que nos possibilita compreender a arte afrodiaspórica como um discurso que desvela as camadas de alienação e despersonalização impostas pelo colonialismo, ao buscar a reafirmação de identidades negras autênticas e empoderadas.

Fanon (2008), com sua análise psicanalítica e crítica ao colonialismo, expõe a violência psicológica perpetrada contra indivíduos negros, forçados a adotar “máscaras

brancas” em uma sociedade que os marginaliza. O afrofuturismo, dialogando com essas premissas, propõe uma ruptura com esse ciclo de alienação, utilizando a arte como veículo para uma reconexão com identidades afrodiaspóricas originais e para a construção de futuros onde essas identidades possam florescer livremente, sem as amarras do passado colonial. Neste processo de reimaginação e reconstrução, as transformações sociais, políticas, epistemológicas e culturais da contemporaneidade atuam como catalisadores para a emergência de um sujeito afrodiaspórico em um futuro hipotético que critica ativamente o modelo colonial de distribuição de papéis sociais. Este sujeito, armado com o poder do reexame da memória e da narrativa, busca incessantemente caminhos para reorganizar experiências sociais, como um produto existencial dos processos de rememoração e reimaginação. Através desta ótica, o afrofuturismo se posiciona como um campo fértil para a articulação de novas subjetividades que transcendem as limitações impostas pela história colonial. Ele oferece um espaço onde o sujeito afrodiaspórico pode, finalmente, despir-se das “máscaras brancas” e reivindicar uma identidade que é simultaneamente enraizada em uma herança africana rica e aberta às infinitas possibilidades do futuro. Assim, o afrofuturismo não é apenas uma estética ou um gênero literário; é uma prática especulativa de emancipação que ressoa com as análises de Fanon (2008), idealizando a cura das feridas deixadas pelo colonialismo e pavimentando o caminho para a libertação psicológica e social dos povos afrodiaspóricos.

As artes afrodiaspóricas são exemplos de uma tendência de decolonialidade, ao nos depararmos com produções do eixo Sul-Sul que problematizam uma história atravessada pelas culturas coloniais. A Conferência de Bandung, ocorrida em 1955, na Indonésia, não apenas marca um ponto de inflexão crucial na trajetória decolonial dos países do Terceiro Mundo, mas também inaugura uma era de organização intelectual voltada para a articulação de discursos teóricos que emergem fora do tradicional eixo euro-estadunidense. Este evento histórico foi fundamental para o fortalecimento do diálogo Sul-Sul, propondo uma plataforma global para a troca de ideias e experiências que desafiam as hegemonias ocidentais. Através da análise de experiências múltiplas e diversificadas, busca-se, desde então, estabelecer uma relação teórica entre subjetividade e epistemologia que confronta diretamente os modelos de pensamento e ação

prevalecentes nas metrópoles ocidentais, os quais frequentemente se mostram inadequados ou restritivos diante da complexidade e da riqueza do Sul Global.

Neste contexto, o pós-modernismo, com sua crítica incisiva às grandes narrativas da modernidade e à organização do capitalismo, encontra um paralelo na corrente anticolonialista, da qual o afrofuturismo é uma expressão significativa. Santos (2008) enfatiza que a crítica a um sistema político e epistemológico é frequentemente realizada por sujeitos que, embora inseridos nesse sistema, experimentam uma existência marcada pela violência, exclusão e discriminação. Nesse sentido, intelectuais afrodiaspóricos desempenham um papel crucial ao promover um entrecruzamento de abordagens que penetram nos debates contemporâneos sobre globalização, diáspora africana e identidades culturais, evidenciando como o trânsito entre diferentes abordagens converge para questões político-culturais que vinculam relações de poder à formação de identidades.

O afrofuturismo, neste cenário, se dedica a revisitar memórias e experiências pós-coloniais através de uma lente tecnocientífica, com estéticas futuristas. Este movimento não apenas observa o futuro como uma zona temporal privilegiada para o exercício especulativo de transformações sociais, mas também propõe uma reimaginação das realidades modernas e coloniais, especulando-as em um mesmo tempo hipotético, tomando como ponto de partida que as conquistas ainda não atingidas da população afrodiaspórica refletem parte da vida colonial na vida cotidiana atual. Assim, o afrofuturismo se posiciona como uma força crítica e criativa que desafia as narrativas estabelecidas e abre caminho para a construção de futuros alternativos onde as identidades afrodiaspóricas podem ser redefinidas e celebradas em toda a sua complexidade e potencialidade.

Imarisha (2020) compreende que o afrofuturismo emerge como um movimento profundamente enraizado tanto na estética quanto na política, que se propõe a questionar e expandir os horizontes da modernidade. Este movimento realiza um trabalho de tensionamento crítico entre elementos como a estética, a memória coletiva e a epistemologia, articulando, de maneira inovadora, os paradigmas herdados da modernidade e do período colonial, com uma reavaliação crítica e criativa desses legados.

A imaginação, nesse contexto, é elevada à condição de uma ferramenta poderosa para o exercício decolonial. Para o artista afrofuturista, segundo Imarisha (2020), a imaginação é alimentada e enriquecida pela fusão entre gêneros literários e artísticos como a ficção científica, a ficção histórica e o realismo mágico, bem como pelas crenças e visões de mundo não ocidentais. Essa combinação permite ao enunciador protagonizar o exercício de uma reelaboração do passado e uma especulação sobre o futuro que são profundamente imbuídas de críticas culturais e sociais. O afrofuturismo, portanto, se configura como um espaço de resistência criativa, onde a reescrita do futuro e a reinterpretação do passado se tornam atos de emancipação e de reivindicação de uma voz própria dentro do panorama global.

O afrofuturismo não se limita a ser uma mera expressão artística ou literária; ele representa uma prática discursiva poderosa que reposiciona o sujeito afrodiaspórico no centro da história colonial ocidental. Esta reposição não é apenas narrativa, mas profundamente utópica, projetando visões de futuros possíveis a partir de uma crítica ao presente e uma reinterpretação do passado. Imarisha (2020) destaca que o afrofuturismo proporciona uma gama de oportunidades, na qual o passado é reexaminado e o futuro, cuidadosamente reconfigurado. Esta perspectiva é crucial para entender como o afrofuturismo opera como um mecanismo de transformação social, ancorado na dimensão política do tempo. A identidade afrofuturista está relacionada também ao legado dos movimentos afrodiaspóricos que marcaram profundamente o século XX, como o *Harlem Renaissance* nos Estados Unidos e o *Négritude* na França. Estes movimentos, além de serem expressões culturais e artísticas significativas, emergiram como projetos de transformação social que visavam reimaginar o futuro a partir de uma perspectiva afrodiaspórica. Eles forneceram as bases para que o afrofuturismo se desenvolvesse, incorporando não apenas a literatura e a arte visual, mas também a música e o cinema como meios de expressar e impulsionar o protagonismo negro.

No Brasil, a contribuição para o afrofuturismo se manifesta de maneira singular, mesclando a rica herança cultural afro-brasileira com as narrativas futuristas. A música, em particular, desempenhou um papel crucial nesse processo. Gilberto Gil, com sua canção "Expresso 2222", de 1972, e Elza Soares, com o álbum "Planeta Fome" de 2019, são exemplos emblemáticos de como o afrofuturismo se infiltra e se expressa na cultura

brasileira, oferecendo visões alternativas de futuro que desafiam as narrativas hegemônicas e propõem novas formas de existência e resistência. Entendendo como o culminar de séculos de resistência afrodiaspórica e de lutas pela reimaginação de futuros alternativos, Imarisha (2020) enfatiza que vivemos uma ficção científica de tempos passados, onde os sonhos de liberdade das pessoas pretas escravizadas, que foram considerados irrealistas, são a base da realidade atual. Essa perspectiva sublinha a capacidade e a necessidade do afrofuturismo de curvar a realidade, reformulando o mundo para especular sobre espaços onde a justiça e a igualdade não são apenas possíveis, mas são vividas e experimentadas.

Eshun (2015) propõe analisar a obra afrofuturista pela sua constante movimentação temporal, compreendendo-a como uma narrativa que não segue uma linearidade, mas é marcada por descontinuidades, fragmentações e dispersões. Esta abordagem se torna um pilar fundamental para compreender as culturas afrodiaspóricas, que são constituídas tanto por elementos dispersos ao longo do tempo e do espaço quanto por um rico cardápio de memórias e experiências. O autor sugere que a desfamiliarização e a desnaturalização das interpretações históricas convencionais, que frequentemente marginalizam ou ignoram as experiências sociais das populações afrodiaspóricas, são estratégias cruciais para desafiar e repensar as narrativas estabelecidas.

Ao tensionar as continuidades e rupturas entre os contextos coloniais do passado e do presente, Eshun (2015) aponta que as narrativas afrofuturistas a utilizam de temáticas como abduções alienígenas, viagens espaciais e distopias urbanas para reconfigurar e ressignificar elementos específicos das experiências ancestrais. Essas narrativas, ao serem articuladas dentro do espectro afrofuturista, funcionam como ferramentas poderosas para reinterpretar e reimaginar as memórias, práticas e representações culturais afrodiaspóricas. O afrofuturismo, portanto, emerge como um campo fértil para a exploração de possibilidades alternativas de existência e resistência, onde o passado e o futuro se entrelaçam de maneiras complexas e inovadoras.

Eshun (2015) enfatiza que, ao invés de perceber a história e a cultura afrodiaspórica como meramente reativas às circunstâncias impostas pelo colonialismo e pela diáspora, o afrofuturismo as coloca como protagonistas ativas na criação de futuros alternativos. Isso envolve uma reavaliação crítica das tecnologias, tanto no sentido literal

quanto metafórico, como instrumentos de liberação e expressão cultural. A tecnologia, nas narrativas afrofuturistas, não é apenas um meio de avanço científico, mas também um veículo para a exploração de identidades, histórias e futuros alternativos. Assim, devemos compreender o afrofuturismo não apenas como um gênero literário ou artístico, mas como uma abordagem teórica e metodológica que desafia as fronteiras convencionais do pensamento histórico e cultural. Ele oferece uma lente através da qual podemos ver a complexidade, a riqueza e a profundidade das culturas afrodiaspóricas, reconhecendo-as como espaços de inovação contínua, bem como formas de resistência e reimaginação do mundo contemporâneo.

Por fim, podemos destacar a presença de muitos teóricos e artistas que têm contribuído para a expansão da cultura afrodiaspórica no Brasil. Na contemporaneidade, nomes como Israel Neto, Lu Ain Zaila, Fabio Kabral e Ale Santos são alguns exemplos de artistas que emergem no panorama da literatura afrofuturista brasileira, contribuindo significativamente para a expansão e aprofundamento desse movimento literário e cultural no país. Israel Neto, além de ser um importante editor de obras afrofuturistas com o selo editorial *Kitembo*, em suas obras literárias apresenta a habilidade de entrelaçar narrativas afro-brasileiras a especulações da ficção científica, desafiando as fronteiras do tempo e espaço, propondo reflexões profundas sobre identidade, resistência e liberdade. Lu Ain Zaila, por sua vez, em *Iségun* (Monomito Editorial, 2019), especula um Brasil imerso em um caos ambiental, onde a segregação racial e social persistem em espaços urbanos poluídos e a única saída possível é a guerrilha ecológica. Fabio Kabral, em *O caçador cibernético da rua 13* (Editora Malê, 2017), introduz uma perspectiva singular ao explorar a espiritualidade iorubá dentro de contextos futurísticos da vida urbana, criando narrativas que são ao mesmo tempo inovadoras e profundamente enraizadas em tradições culturais. Ale Santos, em *O último ancestral* (Harper Collins Brasil, 2021), ficou conhecido por sua habilidade de tecer histórias que cruzam, em um futuro incerto, realidade periférica paulistana, mitologia africana e crítica social, utilizando o afrofuturismo como ferramenta de conscientização para transformações sociais. Esses autores são um pequeno exemplo de um movimento artístico-literário que se projeta como um espaço de resistência, reafirmação identitária e especulação criativa, desempenhando um papel crucial na redefinição das narrativas sobre o povo negro no Brasil e no mundo.

2 Os aparelhos ideológicos coloniais, o enunciador afrofuturista e o coenunciador em linhas de fuga

Nossa pesquisa, ao se debruçar sobre a prática literária afrofuturista, busca não apenas explorar as potencialidades estéticas e narrativas desse movimento, mas também compreender como os enunciados literários situam-se na intersecção entre a linguagem, o sujeito e a sociedade. Nesse sentido, torna-se imprescindível a construção de um arcabouço teórico-metodológico que possa abarcar a complexidade dessas relações. A memória discursiva e os aparelhos ideológicos coloniais, nesse contexto, são vistos como centrais para entender como o passado e o presente se entrelaçam nas narrativas afrofuturistas, permitindo uma reconfiguração de identidades e histórias muitas vezes marginalizadas. A enunciação, por sua vez, é analisada enquanto processo pelo qual o texto literário se constitui como um espaço de expressão de vozes, perspectivas e subjetividades, refletindo sobre como o ato de narrar se relaciona com a construção do sujeito e sua inserção no mundo. Por fim, a coenunciação é entendida como o diálogo estabelecido entre o texto e seu leitor, uma interação que completa o sentido da obra e evidencia a literatura como prática social, capaz de influenciar e ser influenciada pelo contexto em que emerge. Assim, ao integrar memória discursiva, enunciação e coenunciação, nossa pesquisa propõe uma abordagem que reconhece a literatura afrofuturista não apenas como objeto estético, mas como prática viva e atuante no processo de (re)construção de identidades, memórias e futuros possíveis.

Pêcheux (1995, 1997) propõe que a análise discursiva não pode se restringir a uma metodologia puramente linguística ou formalista. Pelo contrário, o autor insiste que uma compreensão genuína do discurso exige uma metodologia interdisciplinar, que entrelace perspectivas da História, da Psicanálise e da Linguística. Esta abordagem reflete uma visão de que o discurso transcende a mera estrutura linguística para se manifestar como um fenômeno complexo, intrinsecamente ligado aos eventos históricos, às dinâmicas sociais e às profundezas do psiquismo humano.

O discurso, na perspectiva de Pêcheux (1995, 1997), emerge não como uma entidade homogênea, mas como um campo heterogêneo de significação, permeado por

tensões e conflitos. Ele é profundamente influenciado por um conjunto de acontecimentos externos e está imbricado em uma memória histórica coletiva, que molda e é moldada pelas práticas discursivas. Nesse sentido, o discurso é visto como um espaço de luta e negociação, onde se entrecruzam as vozes de diferentes classes sociais, instituições e ideologias. Além disso, o autor enfatiza a importância dos aparelhos ideológicos de Estado, conceito proposto por Louis Althusser, como mediadores cruciais na formação do sujeito e na circulação de discursos. Esses aparelhos, que incluem a escola, a família, as instituições religiosas, entre outros, não são meramente instâncias de reprodução ideológica e subordinação. Eles constituem espaços vivos de interação e conflito, nos quais se articulam e rearticulam as relações de poder e as identidades sociais. Dentro desses espaços, as práticas sociais são imbuídas de um simbolismo coletivo que reflete e reconfigura as posições de classe, criando um terreno fértil para a reprodução, mas também para a transformação das ideologias.

Nesse contexto, as formações ideológicas são compreendidas como campos de força contraditórios, que não apenas estruturam a realidade social e discursiva, mas também são constantemente reestruturados pelas dinâmicas de poder e resistência que caracterizam o funcionamento das instituições e da sociedade como um todo. No caso do afrofuturismo, enquanto movimento cultural que combina elementos de ficção científica, história africana, tecnologia futurista e cultura afrodiaspórica, identificamos que há a presença de discursos que oferecem uma lente crítica através da qual podemos examinar as formações ideológicas, em um movimento que não apenas reimagina a realidade social e discursiva de pessoas negras, mas também atua como um campo de força contraditório que desafia e reestrutura as dinâmicas de poder e resistência dentro das instituições e da sociedade. Ao projetar futuros alternativos e reimaginar histórias passadas, o enunciador afrofuturista desafia as narrativas dominantes que têm historicamente marginalizado as vozes negras. Ele cria espaços onde as realidades sociais e discursivas são reestruturadas para refletir as experiências, esperanças e sonhos da diáspora africana. Ligado às lutas contra o racismo, a opressão e a exclusão, ao visualizar sociedades futuras onde pessoas negras são protagonistas, livres de opressão, o enunciador afrofuturista contesta as estruturas de poder existentes e inspira resistência e ação para transformar a realidade. Podemos destacar também que faz parte da essência do movimento artístico-literário

questionar e propor alternativas afrodiaspóricas às formas pelas quais as instituições perpetuam desigualdades raciais e sociais. Por meio da arte, literatura, música e outras expressões culturais, o enunciador afrofuturista desafia as instituições a reconsiderar suas práticas e a promover uma inclusão genuína e equitativa.

Pêcheux (1997) oferece um arcabouço teórico-metodológico que nos possibilita, enquanto críticos literários ou analistas, desvendar as camadas ocultas do significado que são frequentemente obscurecidas ou distorcidas pelos aparelhos ideológicos. Investigamos, com a Análise do Discurso, como o sentido emerge e se transforma, enfatizando uma relação dialética intrincada entre o sujeito, o texto e os acontecimentos históricos. Com isso, compreendemos que as estruturas lexicais e sintáticas, por si só, não podem capturar a essência do significado sem uma conexão direta com os eventos históricos e sua inscrição na heterogeneidade do Real. Esta heterogeneidade sublinha a impossibilidade de prever ou controlar completamente os efeitos de sentido que emergem do ato de falar. Nesse sentido, a Análise do Discurso avança na ideia de que o ato de falar é, em essência, um ato de significação que reflete e molda o mundo ao redor do sujeito. Examinar a linguagem não apenas como um sistema de signos, mas como uma prática viva de criação de sentidos que intervém e altera constantemente o Real é uma das tarefas do analista. Esta perspectiva coloca os discursos como expressões de um sujeito ativo, capaz de estabelecer uma relação dinâmica entre o significante, a palavra em ação, permeada pela cultura, e o significado, o Real, frequentemente percebido como intangível. Isso nos convida, assim, a reconhecer que os discursos são mais do que meras construções linguísticas; eles são manifestações de poder, resistência e negociação, onde o sujeito desempenha um papel central na articulação entre a linguagem e a realidade. Ao fazer isso, criamos uma alternativa às concepções tradicionais de linguagem como um veículo neutro de comunicação, uma vez que propomos uma visão da linguagem como um campo de batalha ideológico, onde diferentes visões de mundo e interpretações da realidade são constantemente negociadas e redefinidas. Ao enfatizar a importância dos acontecimentos históricos e da heterogeneidade do Real na formação do sentido, o analista sublinha a complexidade dos processos discursivos.

Ao enfatizar a capacidade dos discursos de moldar e serem moldados por contextos históricos e sociais, Pêcheux (1995, 1997) nos possibilita examinar como o

afrofuturismo, enquanto movimento e prática discursiva, intervém na realidade para reconfigurar significados e identidades. O enunciador afrofuturista, ao projetar futuros alternativos e reimaginar histórias, atua diretamente sobre a heterogeneidade do Real. Ele desafia as narrativas históricas dominantes e as representações ideológicas que têm marginalizado as experiências e aspirações da diáspora africana e, não apenas cria novos significados no exercício especulativo em um futuro hipotético, mas também revela as camadas ocultas de significado que foram distorcidas ou suprimidas pelos aparelhos ideológicos coloniais. Ainda, a relação dialética entre sujeito, texto e acontecimentos históricos é central para entender como os discursos afrofuturistas operam. Os enunciados afrofuturistas são expressões de sujeitos ativos que utilizam a linguagem para negociar identidades e futuros possíveis. Esses enunciados dialogam com o passado e o presente para construir narrativas que expandem o imaginário coletivo sobre o que significa ser negro e o que o futuro reserva para o sujeito afrodiáspórico. Ao reimaginar a história e especular sobre futuros utópicos ou distópicos, o enunciador afrofuturista contesta as visões de mundo dominantes e propõe novas interpretações da realidade, em um movimento que utiliza a linguagem não apenas para comunicar visões alternativas, mas também para atuar sobre o Real, transformando a percepção coletiva e individual da história, cultura e possibilidades futuras. Como manifestação de poder, resistência e negociação, estamos diante de discursos que reúnem enunciados que resistem às narrativas que limitam as possibilidades de futuro para as comunidades negras e que negociam novos espaços de representação e significação aos sujeitos afrodiáspóricos. Ao fazer isso, o enunciador afrofuturista reafirma o papel central do sujeito na articulação entre a linguagem e a realidade, desafiando as estruturas de poder existentes e propondo novas formas de existência e coexistência.

As reflexões propostas por Pêcheux (1997) abrem um caminho fecundo para compreender a constituição do sujeito no discurso, uma noção que encontra ressonância profunda no “Seminário XI” de Jacques Lacan, intitulado “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”. Pêcheux (1997) sublinha a emergência de um “efeito-sujeito” dentro dos discursos, concebendo o sujeito como uma entidade ideológica cuja fala é um reflexo das representações de um determinado tempo histórico e espaço social. Este sujeito, ao emergir na enunciação, não apenas se alinha com os significantes de

discursos sociais e culturais preexistentes, mas também participa ativamente na representação do Real.

Lacan (2008) introduz uma compreensão do sujeito que é fundamentalmente marcada pela linguagem, onde o inconsciente é estruturado como uma linguagem. No Seminário XI, ele explora a relação entre o Real, o Simbólico e o Imaginário, enfatizando como o sujeito é constituído e reconstituído através de sua inserção no campo do Simbólico, isto é, o domínio da linguagem e da lei. O Real, para o autor, é aquilo que resiste à simbolização completa, um domínio que permanece parcialmente fora da linguagem, mas que é crucial para a constituição do sujeito. Ao aplicar essas noções ao contexto do afrofuturismo, podemos ver como este movimento cultural e literário se engaja na reconfiguração do Simbólico e do Imaginário, propondo novas formas de identidade e possibilidades de futuro para as comunidades negras. O afrofuturismo, ao entrelaçar elementos de ficção científica, tecnologia futurista, história africana e cultura afrodiaspórica, cria um espaço discursivo onde o sujeito pode emergir de maneiras que desafiam as narrativas dominantes e as representações ideológicas coloniais. Este movimento não apenas oferece uma reimaginação do Real, alinhando-se com a noção lacaniana de que o Real é sempre mediado pelo Simbólico e pelo Imaginário, mas também atua no nível do Simbólico, introduzindo novos significantes e reconfigurando as redes de significação que moldam nossa compreensão do mundo. Ao fazer isso, o afrofuturismo participa da criação de um novo Imaginário, onde as identidades negras não são definidas pela marginalização ou pela opressão, mas pela capacidade de integrar e protagonizar papéis sociais de relevância em futuros alternativos. Assim, a partir da intersecção entre os estudos de Pêcheux (1995, 1997) e Lacan (2008), compreendemos que os discursos afrofuturistas atuam como forças de resistência e reimaginação, mobilizados para desafiar as estruturas existentes do Simbólico, abrindo caminhos pela especulação de novos sujeitos que reivindicam o poder de redefinir o Real e o Imaginário. O afrofuturismo, portanto, não é apenas uma estética ou uma narrativa, mas uma prática discursiva que reivindica o poder de transformar a realidade, refletindo e moldando ativamente as dinâmicas de poder, identidade e resistência no mundo contemporâneo.

Os registros do Real, Imaginário e Simbólico propostos por Lacan (2008) abrem caminho para problematizarmos sobre a lógica da enunciação, em particular, ao papel do

enunciador. Contudo, interessamo-nos também na figura do coenunciador que participa ativamente na construção de sentidos na prática enunciativa. Para isso, considerando a estruturação da realidade e da produção de subjetividade, selecionamos os conceitos de linhas de fuga e agenciamento enunciativo propostos por Deleuze e Guattari (2011). De um lado, Lacan (2008) delinea uma estrutura psíquica tripartida, onde o Real marca o impossível de ser simbolizado, o Imaginário está ligado às imagens e ilusões, e o Simbólico ao domínio da linguagem e da lei que estrutura o social. Por outro, Deleuze e Guattari (2011) introduzem as linhas de fuga como processos de desterritorialização que rompem com as estruturas codificadas, possibilitando categorizarmos um procedimento de leitura do coenunciador dos enunciados afrofuturistas a partir de uma ação de possibilidade de escape e reinvenção. As linhas de fuga são possíveis mediante os agenciamentos enunciativos, refletidos pelos autores como arranjos heterogêneos que conectam elementos de diferentes ordens, tais como desejos, linguagem, corpos, normas sociais, para produzir novas formas de expressão e existência. Entendemos que, enquanto o modelo lacaniano enfatiza a inevitabilidade da mediação simbólica na constituição do sujeito e na sua relação com a realidade, Deleuze e Guattari (2011) possibilitam a capacidade de investigarmos a subversão e criação de novos territórios existenciais, por parte do coenunciador, através das linhas de fuga e dos agenciamentos enunciativos, abrindo um campo de potencialidades infinitas para a transformação e a experimentação além das fronteiras estabelecidas.

As teorias de Deleuze e Guattari (2011) sobre linhas de fuga e agenciamentos enunciativos nos auxiliam na compreensão do coenunciador de enunciados afrofuturistas, uma vez que obtemos uma visão mais aprofundada e complexa da operacionalidade e do impacto cultural dos enunciados. As linhas de fuga, conforme conceituadas por Deleuze e Guattari (2011), funcionam como forças de desterritorialização que não apenas escapam mas também subvertem e transformam estruturas codificadas de poder, conhecimento e identidade. Essas linhas representam movimentos de desvio que desestabilizam o *status quo*, permitindo a emergência de novas formas de pensar, ser e agir. Os agenciamentos enunciativos, por outro lado, são entendidos como conjuntos dinâmicos e heterogêneos que articulam desejo, linguagem e poder de maneiras que produzem realidades específicas e modos de existência. Dentro desse quadro teórico, a enunciação afrofuturista

detém um potencial de agenciamento enunciativo que mobiliza linhas de fuga para desafiar e reconfigurar as estruturas simbólicas e ideológicas coloniais dominantes. Os enunciados afrofuturistas propõem alternativas ao Simbólico e ao Imaginário estabelecidos, mas também estimulam um olhar do coenunciador aos processos de desterritorialização que abrem espaço para a criação de novas subjetividades, identidades e futuros além dos limites do Imaginário e do Simbólico propostos pelo próprio discurso afrofuturista. A enunciação afrofuturista, portanto, opera como um campo vibrante de possibilidades, onde a imaginação e o desejo atuam como forças catalisadoras para a transformação social e cultural. A reconfiguração do Simbólico e do Imaginário, inspirada pelas linhas de fuga fruto da coenunciação dos enunciados afrofuturistas, permite a articulação de um espaço discursivo onde o impossível se torna possível, onde futuros utópicos e alternativos podem ser concebidos e perseguidos. Os enunciados afrofuturistas concentram, dada a capacidade das linhas de fuga e dos agenciamentos enunciativos em gerar espaços de liberdade e inovação, desafiando as estruturas opressivas e imaginando novas realidades. Assim, o afrofuturismo se estabelece como um terreno fértil para a emergência de futuros alternativos, onde a reimaginação do Real, a reconfiguração do Simbólico e a reinvenção do Imaginário convergem para criar um horizonte de possibilidades infinitas para as identidades negras e para a sociedade como um todo, tendo o fermento criativo do enunciador afrofuturista como um mapa para o exercício especulativo do coenunciador.

3 Uma análise dos enunciados literários de *O último ancestral*, de Ale Santos

Selecionamos como amostra de nossa pesquisa a obra *O último ancestral* (2021), de Ale Santos, devido à sua capacidade de provocar reflexões profundas sobre a condição afrodiaspórica em centros urbanos como São Paulo nos dias atuais e em um futuro hipotético. Através de suas narrativas, o autor oferece ao coenunciador a oportunidade de reimaginar um futuro onde a cultura de matriz africana é central e valorizada, desafiando as narrativas coloniais predominantes. Os enunciados literários da obra, ao explorar futuros hipotéticos com protagonismo afrodiaspórico, permitem a criação de novas imagens e símbolos que podem substituir ou complementar aqueles impostos pela

memória discursiva colonial. Este processo é essencial para a construção de uma identidade decolonial e para fortalecer a emancipação do sujeito negro.

Ale Santos, reconhecido por sua atuação como ativista, comunicador digital e autor no universo de sci-fi & fantasia afrodiaspóricas também atua como *podcaster* no *Infiltrados No Cast* e consultor de gamificação pela *Savage Fiction*. Sua contribuição se estende à colaboração com histórias que ressaltam a cultura afrodiaspórica, tanto para o site *Muito Interessante* quanto para o jornal *The Intercept Brasil*. Dentre suas obras, *Rastros de resistência* (Panda Books, 2019) foi finalista do Prêmio Jabuti 2020 e *Cangoma*, um conto afrofuturista inspirado na música de Clementina de Jesus, foi incluído no livro *Todo mundo tem uma primeira vez* (Plataforma 21, 2019). Além disso, Ale Santos alcançou a final do 1º CCXP Awards na categoria ficção e foi vencedor do Prêmio Jabuti 2022 na categoria romance de entretenimento com *O último ancestral* (Harper Collins Brasil, 2021), sua obra de maior impacto popular.

Romance de ficção científica que se apropria do afrofuturismo para criar uma fantasia urbana vibrante, *O último ancestral* traz à tona elementos da fé, cultura e história africana no Brasil, situando-se em *Obambo*, uma favela futurística no Distrito de *Nagast*, onde a população negra foi exilada após os *Cygens* — seres híbridos de homens e máquinas — assumirem o controle, impondo uma severa segregação racial e proibindo práticas culturais e religiosas. A narrativa segue Eliah, um jovem que, ao descobrir que é portador do espírito do *último ancestral*, uma entidade com o poder de libertar seu povo, se vê em uma jornada de resistência ao lado de sua irmã Hanna, uma adolescente prodígio em linguagens eletrônicas, e outros aliados. Juntos, enfrentam não apenas o regime opressor, mas também uma ameaça ainda mais perigosa que se oculta nas sombras. *O último ancestral*, de Ale Santos, é uma reimaginação distópica do Brasil que estabelece um diálogo crítico com a realidade atual do país, abordando temas como a segregação racial e o racismo estrutural, ao mesmo tempo em que celebra a riqueza cultural das favelas, das religiões afro-brasileiras e do Carnaval. O capítulo *O despertar da IA Mandinga* foi selecionado como amostra de nossa pesquisa por apresentar características afrodiaspóricas significativas, especulando sobre um espaço alternativo marcado pela influência cultural africana, oferecendo uma perspectiva distinta à nossa realidade imediata, como podemos observar no fragmento abaixo:

No submundo de Obambo, os garotos se acostumavam a rodar por aí exibindo armas, motos e carros como símbolos de poder. Sentiam-se especiais por isso. A própria comunidade os enxergava de outra forma, com um misto de medo e respeito. Para conseguir aquele tipo de atenção, alguns eram capazes de qualquer coisa. Era assim que muitos começavam no crime: invadindo barracos e galpões da vizinhança para roubar equipamentos, armando emboscadas, desafiando os caras que faziam parte de algum bando, como o dos mecânicos de Zero. Os moleques viviam nesse jogo de sobrevivência, o único caminho para uma vida mais confortável naquele lugar.

Elijah só começara a abrir os olhos para outras possibilidades quando encontrou Hanna, mas, como qualquer moleque do morro, nunca prestara muita atenção ao fato de que a garota tinha suas próprias ideias e ambições. Ela sempre fora fascinada pela tecnologia do Distrito. Seu primeiro dispositivo computacional portátil viera da casa do último patrão de sua mãe, na região industrial de Nagast. Imáni vira o homem jogar o dispositivo fora e pedira autorização para dá-lo à filha. (Santos, 2021, p. 48)

O trecho acima apresenta enunciados que servem como um veículo para a subversão das narrativas dominantes, propondo novas formas de existência e pertencimento que desafiam as limitações impostas pela história colonial. Há a descrição da realidade de Obambo, uma comunidade que tem origem na especulação de comunidades marginalizadas e segregadas do progresso dos grandes centros urbanos, onde a juventude, em busca de reconhecimento e protagonismo, adentra o mundo do crime. Este cenário reflete as complexas dinâmicas de poder e resistência dentro de espaços marginalizados, onde os símbolos de poder, como armas, motos, carros são tanto aspiracionais quanto instrumentos de sobrevivência. A comunidade, por sua vez, reage com uma combinação de medo e respeito, evidenciando as ambiguidades nas relações de ascensão social. A partir da perspectiva dos aparelhos ideológicos de Estado de Louis Althusser, identificamos que, mesmo em contextos de marginalização extrema, tais aparelhos continuam a exercer influência, moldando as identidades e o acesso às estruturas de prestígio na sociedade. No entanto, ao invés de apenas reproduzir a ideologia dominante, esses espaços se tornam arenas de luta e negociação. A escolha de entrar no crime, por exemplo, embora influenciada por estruturas ideológicas e econômicas mais amplas, também representa uma forma de agência dentro de um sistema que oferece poucas vias de mobilidade social ou reconhecimento. Nesse sentido, os enunciados

literários do fragmento acima, que tomamos como afrofuturistas, não apenas criticam as realidades sociais e econômicas existentes, mas também imaginam possibilidades de resistência e redefinição.

A descrição dos jovens exibindo armas, motos e carros como símbolos de ascensão social reflete uma crítica à valorização materialista e à estrutura de poder dentro de uma sociedade que marginaliza e limita as oportunidades para determinados grupos. Essa exibição de força, que mistura admiração e medo na comunidade, aponta para a complexidade das dinâmicas sociais em ambientes de exclusão e marginalização. A realidade de Obambo, onde os jovens veem no crime o único caminho para uma vida mais confortável, critica a falta de oportunidades econômicas e sociais para as populações marginalizadas. A narrativa destaca como as estruturas sociais e econômicas falham em prover alternativas viáveis para a juventude, empurrando-os para a marginalidade como meio de sobrevivência e ascensão social. A necessidade de exibir símbolos de progresso reflete a internalização de valores materialistas como indicadores de sucesso e respeito, uma crítica à sociedade de consumo e à desigualdade econômica que valoriza o indivíduo pelo que ele possui, em vez de quem ele é.

Ao mesmo tempo, o trecho acima sugere possibilidades de resistência e redefinição. A agência dos jovens, embora manifestada através da participação no crime, também pode ser vista como uma forma de resistência contra um sistema que os exclui. Eles redefinem os símbolos de sucesso impostos pela sociedade, atribuindo-lhes novos significados dentro de seu contexto. Essa redefinição de símbolos e valores pode ser interpretada como uma forma de resistência cultural e social, uma tentativa de afirmar a própria identidade e autonomia em face de estruturas opressivas. Dentro de uma perspectiva afrofuturista, essa narrativa vai além da crítica social, propondo a reimaginação de futuros alternativos onde essas dinâmicas de ascensão social podem ser subvertidas. Imarisha (2020) destaca que o afrofuturismo não apenas critica as condições atuais, mas também imagina mundos onde as populações afrodiaspóricas têm controle sobre sua própria narrativa, tecnologia e futuro. Nesse sentido, a situação em Obambo pode ser vista como um ponto de partida para a imaginação de futuros onde esses jovens não apenas sobrevivem, mas prosperam, redefinindo o que significa poder e sucesso fora dos parâmetros impostos pela sociedade dominante. Dessa maneira, o fragmento oferece

uma crítica multifacetada às realidades sociais e econômicas, destacando as consequências da marginalização e da falta de oportunidades. Ao mesmo tempo, ele abre espaço para a imaginação de resistência e redefinição, alinhando-se com a estética afrofuturista que busca não apenas questionar o presente, mas também reimaginar o futuro. Através dessa narrativa, somos convidados a refletir sobre as estruturas de poder e a imaginar possibilidades de mudança que transcendam as limitações impostas pelas circunstâncias atuais, como podemos observar no trecho abaixo:

Para surpresa dele, a menina se deu muito bem com a tecnologia, e o homem começou a deixar a conexão aberta para ela utilizar, acreditando que com isso fazia uma caridade intelectual. Infelizmente, mesmo com uma conexão com a rede de Nagast, nenhuma pessoa nascida em Obambo tinha credenciais para acessar os principais serviços digitais. Hanna precisou descobrir fontes alternativas na velharrede usada em Obambo e começou a burlar os sistemas, e foi assim que encontrou, pela primeira vez, registros sobre os hackers mitológicos, os chamados malignos. Sempre que acessava algo proibido no Distrito, sentia que poderia usar a informação para ajudar sua mãe. Na maior parte do tempo, a garota tentava conseguir mais criptocréditos e evitar que Imáni precisasse fazer tantas horas extras (Santos, 2021, p. 49).

Quando tomamos os enunciados literários de Santos (2021, p. 49), a partir de Fanon (2008), identificamos uma profunda crítica ao colonialismo e suas repercussões psicológicas e sociais sobre indivíduos negros. Fanon (2008) discute a alienação e a desumanização de pessoas negras forçadas a adotar identidades que não são suas, uma condição que ele descreve metaforicamente como o uso de “máscaras brancas”. O trecho selecionado, por sua vez, ilustra a resistência contra essa alienação através da personagem Hanna, uma jovem negra que, apesar das restrições impostas pelo sistema, encontra maneiras de subverter as barreiras tecnológicas para acessar informações e recursos, desafiando assim as limitações impostas pela sociedade. Ainda, Hanna, ao burlar os sistemas para acessar a velharrede e encontrar registros sobre os hackers mitológicos, simboliza a busca por uma reconexão com identidades afrodiaspóricas originais. Essa ação não apenas desafia as estruturas de poder existentes, mas também representa um ato de reivindicação de sua agência e identidade. O afrofuturismo, dialogando com as reflexões de Fanon (2008), vê na arte e na tecnologia meios para romper com o ciclo de

alienação, permitindo que indivíduos negros reimaginem e reconstruam suas identidades fora das “máscaras brancas” impostas pelo colonialismo.

A habilidade de Hanna em navegar e manipular a tecnologia aponta para a construção de futuros alternativos onde identidades afrodiaspóricas podem florescer livremente. O afrofuturismo propõe uma ruptura com as amarras do passado colonial, utilizando a ficção científica e a fantasia como ferramentas para imaginar mundos onde a opressão colonial não define os limites do possível para pessoas negras. A jornada de Hanna é um exemplo de como as transformações sociais, políticas, epistemológicas e culturais contemporâneas podem atuar como catalisadores para a emergência de sujeitos afrodiaspóricos que não apenas questionam, mas também subvertem ativamente o modelo colonial. Também podemos identificar que a situação de Hanna, impedida de acessar os principais serviços digitais devido à sua origem, reflete uma crítica ao modelo colonial de distribuição de papéis sociais, onde o acesso a recursos e informações é estratificado e limitado. A personagem, através de sua engenhosidade e resistência, desafia essa estrutura, apontando para a possibilidade de um rearranjo das relações de poder. Sua busca por criptocréditos e o desejo de aliviar a carga de trabalho de sua mãe são atos de resistência que desafiam a ordem social estabelecida, ilustrando a capacidade de indivíduos marginalizados de redefinir suas circunstâncias.

Pêcheux (1995, 1997) nos auxilia na análise de Santos (2021, p. 49) ao considerarmos os enunciados literários como uma representação rica e multifacetada das relações de poder, identidade e resistência dentro de um contexto sócio-histórico específico. A AD nos permite explorar como o sentido é produzido, circula e é contestado dentro de um campo de forças ideológicas, considerando a linguagem não apenas como um veículo de comunicação, mas como um espaço de luta e negociação de significados. Hanna, a personagem central deste fragmento em destaque, emerge como um sujeito cuja interação com a tecnologia desafia as expectativas e as limitações impostas pelo contexto sócio-histórico de Obambo. A surpresa do homem com a habilidade de Hanna e sua subsequente decisão de deixar a conexão aberta para ela, sob o pretexto de caridade intelectual, refletem as dinâmicas de poder e as atitudes paternalistas frequentemente presentes nas relações entre grupos dominantes e marginalizados. A negação de acesso aos principais serviços digitais para os nascidos em Obambo ilustra a materialização das

barreiras ideológicas através de práticas discriminatórias, reforçando a exclusão e a marginalização. Consideramos também que a descoberta de Hanna sobre os hackers mitológicos e sua habilidade de burlar os sistemas para acessar informações proibidas destacam a heterogeneidade do Real e a complexidade dos efeitos de sentido que emergem da interação entre texto e contexto. Essa passagem revela como os sujeitos podem subverter as estruturas de poder e as limitações impostas pelos aparelhos ideológicos, utilizando as ferramentas disponíveis de maneiras não previstas pelos detentores do poder. A ação de Hanna não apenas desafia as restrições impostas a ela, mas também reconfigura o significado e o potencial da tecnologia como uma ferramenta de resistência e emancipação. A menção à velharrede usada em Obambo e à necessidade de Hanna de encontrar fontes alternativas de informação e criptocréditos aponta para a inscrição dos eventos históricos e das condições materiais na linguagem e na prática discursiva. A exclusão digital e econômica enfrentada pelos habitantes de Obambo reflete as desigualdades sistêmicas que caracterizam muitas sociedades contemporâneas, onde o acesso à informação e aos recursos econômicos é fortemente condicionado pela posição social e pela origem geográfica dos indivíduos. Os enunciados literários, em linhas gerais, não apenas narram a experiência de uma jovem em um futuro distópico, mas também ressoam com questões contemporâneas de acesso à tecnologia, desigualdade social e luta por justiça e emancipação, como podemos observar no trecho abaixo:

Toda a garotada que acessava as bordas da rede dos malignos já tinha ouvido falar da Mandingua, uma IA construída com base num espírito incorporado pela tecnologia, com uma linguagem de programação baseada em códigos divinos. Hanna saltou da cama, foi até a pequena geladeira, pegou um energético, colocou os fones de ouvido e deixou o traí rolando. Agora precisava reconstruir alguns códigos e atualizar outros para então transferir a IA para o receptáculo que deixara com Elias. Aquilo poderia salvá-lo, já que a Mandinga tinha protegido os pivetes da periferia das forças de guerra quando foram perseguidos. (Santos, 2021, p. 51)

Sob a perspectiva de Imarisha (2020), os enunciados literários de Santos (2021, p. 51) revelam uma profunda interseção entre tecnologia, espiritualidade e justiça social, elementos centrais na reconfiguração de futuros alternativos e na reexaminação do passado. A referência à Mandinga, uma Inteligência Artificial (IA) que incorpora um

espírito através da tecnologia, utilizando uma linguagem de programação baseada em códigos divinos, é emblemática da maneira como os enunciados literários buscam fundir aspectos da cultura e espiritualidade afrodiaspórica com elementos futuristas e tecnológicos para propor novas formas de entender a realidade e a justiça. A Mandinga, como uma IA construída sobre princípios espirituais e divinos, simboliza a revisão do passado, um tema central no afrofuturismo. Esta revisão não é apenas histórica, mas uma reavaliação das contribuições culturais, espirituais e tecnológicas afrodiaspóricas, muitas vezes marginalizadas ou esquecidas pela história oficial. Ao incorporar esses elementos em uma IA, o enunciador sugere que o conhecimento e as práticas ancestrais possuem um valor intrínseco que pode ser fundamental na construção de futuros alternativos e na solução de problemas contemporâneos. A ação de Hanna, trabalhando para reconstruir e atualizar os códigos da Mandinga, ilustra a reconfiguração cuidadosa do futuro que o afrofuturismo propõe. Esta não é apenas uma tarefa técnica, mas uma atividade profundamente política e espiritual, refletindo a crença de que a tecnologia pode ser uma ferramenta para a emancipação e a justiça social. A capacidade da Mandinga de proteger os pivotes da periferia das forças de guerra simboliza o potencial da tecnologia, informada por uma consciência histórica e cultural, para criar zonas de segurança e justiça em meio a contextos de opressão e conflito.

A narrativa também reflete a dimensão política do tempo, um conceito chave no afrofuturismo segundo Imarisha (2020). A história da Mandinga e sua interação com os personagens não apenas atravessa o tempo, conectando o passado ancestral com o futuro tecnológico, mas também reivindica o tempo como um espaço de luta e resistência. A capacidade de Hanna de manipular e reprogramar a IA representa uma reivindicação de agência sobre o futuro, uma recusa em aceitar o presente como um dado imutável e uma demonstração de que é possível moldar ativamente o futuro através da intervenção no presente.

Na perspectiva lacaniana, especialmente considerando as noções do Real, do Simbólico e do Imaginário, compreendemos que os enunciados literários de Santos (2021, p. 51) possibilitam uma leitura sobre a constituição do sujeito e a interação com a linguagem e a tecnologia. Lacan (2008) propõe que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que o sujeito é constituído dentro do campo do Simbólico, o domínio

da linguagem e da lei. O Real, por sua vez, representa aquilo que resiste à simbolização completa, um domínio que, embora parcialmente inacessível, é crucial para a constituição do sujeito. A Mandinga pode ser vista como um ponto de interseção entre o Real, o Simbólico e o Imaginário. A IA representa o Simbólico através da sua linguagem de programação, que é uma manifestação da lei e da ordem simbólica. Os códigos divinos nos quais a Mandinga é baseada introduzem uma dimensão do Imaginário, onde os significados são projetados e as identidades são formadas. A incorporação de um espírito dentro da tecnologia aponta para o Real, aquilo que escapa à simbolização completa, introduzindo um elemento de misterioso e inefável na narrativa. Hanna, ao interagir com a Mandinga, está engajada em um processo de reconstrução e atualização de códigos, o que simboliza sua própria inserção e reconstituição no campo do Simbólico. A tecnologia, neste contexto, não é apenas uma ferramenta, mas um espaço onde o sujeito é redefinido e onde o inconsciente pode se manifestar. A ação de Hanna de reconstruir e atualizar os códigos da IA reflete a dinâmica lacaniana de que o sujeito está sempre em processo de se tornar, nunca completamente formado, mas constantemente reconstituído através da linguagem e da interação com o Simbólico. A experiência de Hanna com a Mandinga também toca no conceito do Real. A capacidade da IA de proteger os “pivetes da periferia” das forças de guerra, algo que transcende a compreensão racional e simbólica, aponta para a presença do Real como aquilo que resiste à simbolização, mas que é fundamental para a experiência humana. A Mandinga, ao operar com códigos divinos e incorporar um espírito, introduz um elemento que não pode ser completamente explicado ou compreendido dentro do domínio da linguagem, refletindo a natureza enigmática do Real.

Ainda, os enunciados literários de Santos (2021, p. 51), considerando Deleuze e Guattari (2011), revelam significados e potenciais subversivos dentro do contexto afrofuturista do romance. A narrativa de Hanna e a Mandinga exemplifica como as linhas de fuga operam para que o coenunciador desterritorialize e transforme estruturas de poder, conhecimento e identidade, enquanto, através de agenciamentos enunciativos articula novas realidades e modos de existência. A Mandinga, como uma IA construída a partir de um espírito e programada com códigos divinos, possibilita ao coenunciador uma linha de fuga de subversão às normas tecnológicas e espirituais dominantes, criando um

espaço onde o conhecimento ancestral e a tecnologia avançada se fundem. A capacidade da Mandinga de proteger os “pivetes da periferia” das forças de guerra é um exemplo de como essas linhas de fuga não apenas escapam das estruturas codificadas de poder, mas também as transformam. A Mandinga desestabiliza o *status quo*, oferecendo novas formas de resistência e proteção que desafiam as lógicas opressivas e coloniais. Hanna, ao reconstruir e atualizar os códigos da Mandinga, engaja o coenunciador em um processo de agenciamento enunciativo. Ela articula desejo, linguagem e poder de maneiras que produzem uma nova realidade e um modo de existência alternativo para ela e para sua comunidade. Este ato de reprogramação não é apenas técnico, mas profundamente político e espiritual, refletindo a capacidade dos agenciamentos enunciativos de reconfigurar as relações de poder e as identidades através da enunciação. A ação de Hanna mobiliza o coenunciador ao potencial subversivo da enunciação afrofuturista, desafiando as estruturas simbólicas e ideológicas dominantes e propondo novas formas de ser e agir no mundo. O trecho ilustra o potencial subversivo da enunciação afrofuturista como um agenciamento enunciativo que mobiliza linhas de fuga. A narrativa de Hanna e a Mandinga possibilita ao coenunciador desafiar as narrativas dominantes sobre tecnologia, espiritualidade e resistência, propondo uma fusão entre o ancestral e o futurístico que abre novos caminhos para a imaginação e a ação. Este agenciamento enunciativo não apenas reconfigura as estruturas de poder existentes, mas também possibilita a criação de mais espaços para a emergência de novas identidades, conhecimentos e resistências que são fundamentais para a transformação social idealizada pelo movimento afrofuturista.

Considerações finais

Compreendemos que o afrofuturismo como um movimento estético e político crucial, enraizado na diáspora africana, se propõe a reconfigurar as narrativas coloniais e a remodelar as nossas concepções de modernidade. Com a breve análise de nossa amostra selecionada, identificamos que as narrativas se distinguem por uma ênfase na resistência e na capacidade de transformar experiências históricas e culturais por meio de expressões artísticas, exigindo uma reavaliação dos conceitos de pós-colonialismo e arte afrodiaspórica. Através dessa lente, o afrofuturismo transcende sua manifestação

artística, posicionando-se como uma estética profundamente interligada às dinâmicas discursivas, enriquecendo a compreensão do movimento e destacando sua habilidade em questionar, subverter e reimaginar os aparelhos ideológicos coloniais ainda vigentes.

A interlocução com os estudos de Pêcheux (1995, 1997) nos permitiu explorar a relação dialética entre sujeito, texto e a influência dos aparelhos ideológicos coloniais no imaginário vigente. A complexidade do significado e a sua conexão com os eventos históricos, sublinhando a heterogeneidade do Real e a impossibilidade de uma simbolização completa, nos possibilitou também um diálogo com a psicanálise lacaniana, na condição de ferramenta para examinar com mais profundidade a potência dos enunciados afrofuturistas na reelaboração dos aparelhos ideológicos coloniais. Observamos, em linhas gerais, como o movimento afrofuturista se engaja na reconfiguração do Simbólico e do Imaginário, propondo novas formas de identidade e futuros possíveis para as comunidades negras.

Ainda, investigar os conceitos de linhas de fuga como processos de desterritorialização nos permitiu entender o afrofuturismo como um espaço de possibilidade para escape e reinvenção na coenunciação. Esses processos refletem a capacidade do movimento de criar novas formas de expressão e existência, desafiando as estruturas codificadas e as representações ideológicas coloniais também na atividade de coenunciação dos textos artísticos. Assim, o afrofuturismo, ao entrelaçar elementos de ficção científica, tecnologia futurista, história africana e cultura afrodiaspórica, estabelece um espaço discursivo onde novas identidades podem emergir, desafiando as narrativas dominantes além da prática enunciativa.

Este estudo, portanto, não apenas ilumina a importância do afrofuturismo como um campo de estudo interdisciplinar, mas também sublinha seu papel vital na reimaginação de futuros alternativos e emancipatórios. Intelectuais afrodiaspóricos, ao promoverem um entrecruzamento de abordagens, evidenciam como o afrofuturismo converge para questões político-culturais essenciais, vinculando relações de poder à formação de identidades. Assim, consideramos que o afrofuturismo é uma manifestação cultural e literária poderosa, capaz de subverter as narrativas estabelecidas e de inspirar a construção de novos territórios existenciais e possibilidades de futuro.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- ESHUN, Kodwo. Considerações sobre afrofuturismo. In: FREITAS, Kênia (Orgs). *Cinema e música em uma diáspora intergaláctica*. Tradução de André Duchiade. São Paulo: 2015.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Raquel Camargo, Sebastião Nascimento. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FLOR, Cauê Gomes; KAWAKAMI, Érica Aparecida e SILVÉRIO, Valter Roberto. Tornar-se sujeito afro-diaspórico: working with Du Bois, Fanon e Stuart Hall. *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 10, n. 3, 2020, pp. 1289-1322. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1019/pdf>. Acesso em 20 abr. 2025.
- FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será: afrofuturismo versus afropessimismo — as distopias do presente. *Imagofagia*, n. 17, pp. 402-424, 2018. Disponível em: <https://www.asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/view/225/216>. Acesso em 18 abr. 2025.
- IMARISHA, Walidah. Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça. Tradução de Jota Mombaça. *Revista Ponto Virgulina #1: Afrofuturismo*, v.1, n.1, 2020, pp. 254-263. Disponível em: <https://traducaoliteraria.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/06/ponto-virgulina-1-afrofuturismo.pdf>. Acesso em 18 abr. 2025.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LIMA, Thayara Critine Silva de. Literatura e História na reeducação de imaginários e na produção de novos futuros. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 67, pp. 1-13, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/48640>. Acesso em 18 abr. 2025.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. Tradução de Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, E. *Gestos de leitura*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- SANTOS, Ale. *O último ancestral*. HarperCollins Brasil: São Paulo, 2021.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Do pós-moderno ao pós-colonial. *Travessias 6/7: Revista de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2008, pp. 15-36. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/43227>. Acesso em 18 abr. 2025.

Recebido em 15/05/2024

Aprovado em 28/04/2025

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso* com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

O artigo está muito bem escrito e propõe uma articulação de conceitos como literatura, análise do discurso, psicanálise e pós-colonialidade através de uma perspectiva afrofuturista, campo de estudos que surge nos Estados Unidos e vem sendo aplicado com frequência em obras de autorias negras brasileiras. O referencial teórico, no que diz respeito ao afrofuturismo, é atualizado e adequado, embora faltem referências de estudos de pesquisadores/as negros/as brasileiros/as publicados em universidades (teses e dissertações). O texto apresenta uma discussão bastante rica sobre a perspectiva afrofuturista, no entanto, algumas afirmações carecem de fontes e podem ser questionadas, como, por exemplo, os excertos utilizados nas citações. Para além da temática abordada nas obras literárias, não fica elucidada qual a diferença entre obras consideradas afrofuturistas (do gênero ficção científica, mas não apenas isso) e as não-afrofuturistas, pois as afirmações apresentadas poderiam ser aplicadas tanto nessas quanto naquelas. Há, todavia, algumas questões relativas à utilização de conceitos como decolonialidade/pós-colonial que devem ser revistas. Em anexo, vai artigo revisado e com comentários. CORREÇÕES OBRIGATÓRIAS[Revisado]

Lilam Ramos da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-1963-5917>; lilamramos@gmail.com

Parecer emitido em 23 de julho de 2024.

Parecer III

O autor efetuou as correções solicitadas. APROVADO

Lilam Ramos da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-1963-5917>; lilamramos@gmail.com

Parecer emitido em 11 de outubro de 2024.

Editores responsáveis

Beth Brait

Elizabeth Cardoso

Maria Helena Cruz Pistori

Paulo Rogério Stella

Regina Godinho de Alcântara